

A proporção de textos opinativos e informativos no Caderno G da Gazeta do Povo (2013-2015)¹

Joana Alcantara de Castro²

Emerson Castro³

Universidade Positivo, UP, Curitiba

Resumo

Este artigo é o resultado de um estudo sobre o texto opinativo no jornal paranaense Gazeta do Povo. O objetivo geral foi identificar a presença dos textos na editoria especializada em cultura do jornal. Dentre as hipóteses trabalhadas no início do projeto estão o fato de que o aparente pequeno número de opinião devia-se aos poucos jornalistas capacitados para escrever opinião na área. Para poder comprová-las ou refutá-las, o objeto de estudo passa a ser o questionário (pesquisa qualitativa e quantitativa) do jornal em questão. Conclui-se, portanto, que o número de textos opinativos em cultura teve um acréscimo com o passar dos anos (2013, 2014 e 2015) e ainda é bastante valorizado dentro do jornal Gazeta do Povo.

Palavras-Chave: Jornalismo; Jornalismo Opinativo; Artes; Gazeta do Povo.

Introdução

Em um passado não tão distante, o Brasil possuía em seu vasto território uma grande massa de publicações críticas tanto em jornais, quanto em revistas. O país possuía uma crítica de arte militante, que discutia publicamente questões da cultura e da arte.

Nas páginas que a população lia, encontravam intelectuais e escritores falando sobre artes visuais: Harry Laus, Jayme Maurício, José Roberto Teixeira Leite, Roberto Pontual, Frederico Moraes, Mário Pedrosa, Geraldo Ferraz, José Geraldo Vieira, Walmir Ayala, Olívio Tavares de Araújo, Sheila Leirner, César Romero, Clarival do Prado Valadares, Francisco Bittencourt, Antonio Bento, Angélica de Moraes, Jorge Coli, Radha Abramo, Quirino Campofiorito, Flávio de Aquino, Pietro Maria Bardi, Jacob Klintowitz, entre tantos outros. (KLINTOWITZ,2007)

Todos estes nomes citados pelo crítico de arte Jacob Klintowitz, são de seus colegas de trabalho, que completavam as páginas dos jornais e revistas das capitais brasileiras de opinião. Jacob, por exemplo, foi autor de mais de 110 livros sobre arte

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática de Jornalismo, da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da UP, email: joana.adecastro@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UP, email: teoriacastro@yahoo.com.br

brasileira e teoria de arte. De meados dos anos 60 a princípios da década seguinte, Jacob residiu no Rio de Janeiro, ali mantendo, por sete anos, uma coluna diária de crítica de arte na Tribuna da Imprensa. Ao transferir-se para São Paulo passou a escrever para o jornal O Estado de S. Paulo e o Jornal da Tarde, tendo sido redator e crítico de arte da TV Globo e crítico de arte da revista Isto É. Atualmente é curador do Espaço Cultural Citi, assim como conselheiro do Instituto Lina Bo e Pietro Maria Bardi e do Museu Judaico de São Paulo. Vice-presidente do Instituto Anima de Sophia, ganhou por duas vezes o prêmio Gonzaga Duque, da Associação Brasileira de Críticos de Arte.

Em entrevista ao Diário de Cuiabá (Edição nº 13062 17/07/2011), Jacob Klintowitz responde a pergunta “O quanto a arte pode mudar a vida de uma pessoa ou do mundo?” da seguinte maneira:

“A arte muda o mundo. Eu acredito na força do espiritual. Mas leva o tempo que for. A medida da vida humana é curta. Para mim, a arte é o espelho que mostrou e demonstrou a minha identidade. Eu pouco seria sem ela. É o que me alimenta. Uma época eu tive uma doença que parecia grave e que não era diagnosticada corretamente pelo médico, de resto uma escolha errada minha. Insone e com dores terríveis, eu lia Borges e tudo entrava em harmonia: o mundo parecia ter sentido” (KLINTOWITZ, 2011)

Os veículos importantes têm reportagens e notícias, algumas delas até com certo caráter opinativo. Mas quando se trata da crítica de arte não existe espaço. Esse retrocesso acaba sendo prejudicial não apenas à arte brasileira, como ao desenvolvimento de uma cultura artística no país.

Com isso, a relação entre arte e reflexão ficou minimizada, o que se reflete na qualidade da produção da nossa arte, cada vez mais dependente de grupos de pressão, interesses comerciais e interesses políticos, dado o papel relevante do Estado brasileiro na divulgação e promoção da arte.

A Associação Internacional de Críticos de Arte, sediada em Paris, foi criada em 1948 como uma ONG, no âmbito da UNESCO. A finalidade da AICA é auxiliar e promover a atividade crítica. Entre outros aspectos dessa atividade, consta a presença em júris de seleção e premiação. Em iniciativa conjunta, a Associação Internacional de Críticos de Arte (AICA) e o MUDE, de Portugal, com o apoio da Culturgest, o primeiro Jornal Falado, que assumirá a forma de uma série de conferências e entrevistas, reúne Delfim Sardo, comissário de arte contemporânea e presidente da AICA Portugal, Sérgio Mah, especialista em fotografia e Nuno Grande, arquiteto, crítico e comissário de

arquitetura. Da conversa entre os três nasceu, ao vivo, o primeiro Jornal Falado, com uma edição a cada duas semanas. Segundo a organização do Jornal: “Numa altura em que a crítica quase deixou de existir na imprensa e num mundo de incertezas e interrogações, o exercício do pensamento crítico e a partilha de ideias, livre e empenhada é uma forma de resistência em relação à passividade”.

No Brasil, porém, não existe nenhum programa cultural, de iniciativa do Estado ou própria dos críticos, de reunir seus pensamentos, como o Jornal Falado, em Portugal. Existe, sim, uma tentativa de restringir a crítica da arte a um instrumento científico ou técnico, instalado nas Universidades brasileiras, com as sucessivas teses de mestrado e doutorado que obedecem a regras rígidas de forma e exposição.

Jornalismo Cultural

No Brasil, o jornalismo cultural só ganhou força no final do século XIX, com Machado de Assis (1839-1908), que começou sua carreira como crítico de teatro e polemista literário. Muitos outros escritores brasileiros da época passaram pelo jornalismo cultural (LIMA, 2014).

A partir da década de 1950, o jornalismo quer ser um espelho da sociedade. Dessa forma, cabe ao jornalista informar o leitor sobre os fatos, e não, necessariamente, se posicionar em relação a eles. O jornalismo deixa, então, de ser um espaço de exposição de opiniões (LIMA, 2014). “A opinião e a crítica tiveram espaço em seções especializadas nas páginas dos jornais, separadas do noticiário, como se fossem produtos à parte, independente da equipe de jornalistas que fazem o jornal” (LIMA, 2014, p. 40).

Segundo Lima (2014), o jornalismo autoral só teve lugar na imprensa alternativa ou no estreito espaço da crônica ou do artigo. A cisão entre opinião e informação marcou o que Silviano Santiago chamou de “desliteraturalização” do jornal.

Porém, foi no final do século XIX que o jornalismo cultural começou a mudar e, com ele, o estilo da crítica feita em periódicos. O irlandês George Bernard Shaw (1856-1950) foi crítico de arte, teatro, literatura e música e, em sua coluna semanal, misturava polêmica política, observação social e análise estética, criando, assim, um novo jornalismo cultural (PIZA, 2003).

As críticas saíram de seu circuito de marfim: Shaw as lançou no meio

da arena social, exigindo que se comprometessem com as questões humanas vivas [...]. O crítico cultural agora tem que lidar com ideias e realidades, não apenas formas e fantasias (PIZA, 2003, p. 17).

Piza explica que até a virada para o século XX, o jornalismo cultural começara a se renovar. “O jornalismo moderno passou a dar mais importância para a reportagem para o relato de fatos, não raro sensacionalista, e começou a se profissionalizar” (2003, p.18).

O jornalismo cultural, também ‘esquentou’: descobriu a reportagem e a entrevista, além de uma crítica de arte mais breve e participante. [...] A grande era da crítica, dos séculos XVIII e XIX, não tinha terminado, apenas se transformado (PIZA, 2003, p. 19).

Piza ainda afirma que em 2003, o jornalismo cultural vivia crises de identidade frequentes porque, como na arte, a condição moderna é “crítica”, isto é, envolve sinais de crise, é instável, cíclica, plural. Mas, assim como o público, o meio artístico também sente a carência do olhar crítico.

Mas o que deve ter um bom texto crítico? Primeiro, todas as características de um bom texto jornalístico: clareza, coerência, agilidade. Segundo, deve informar ao leitor o que é a obra ou o tema em debate, resumindo sua história, suas linhas gerais, que é o autor, etc. (PIZA, 2003, p. 71).

O terceiro critério para um bom texto crítico, segundo Piza (2003), é analisar a obra de modo sintético, mas sutil, esclarecendo o peso relativo de qualidades e defeitos, evitando o tom de “balanço contábil” ou mera atribuição de adjetivos. Porém, o quarto, e mais importante requisito, é a capacidade de ir além do objeto analisado, de usá-lo para uma leitura de um aspecto da realidade, de ser ele mesmo, o crítico, um autor, um intérprete do mundo.

No âmbito do jornalismo cultural, a imprensa participa do jogo de disputas que constitui o sistema artístico-cultural, inserindo-se como espaço disputado de visibilidade, que consagra produtos e produtores (BOURDIEU, 1997). O modo de produção que foca a cobertura nos eventos e lançamentos, ou seja, nas atividades, exclui outras instâncias de produção cultural e constrói uma representação parcial, estabelecendo o que é ou não cultura. A escolha que vai aparecer nos jornais interfere no consumo dos bens culturais (GOLIN, 2009).

Além disso, o jornalismo dedicado ao campo cultural, diferentemente de outras

editoriais, se caracteriza por ultrapassar a cobertura noticiosa e apresenta forte presença opinativa, transitando entre o serviço, a informação e abordagens mais interpretativas e críticas (FARO, 2006).

O jornalismo cultural, então, assume a posição de mediador, tradutor do discurso formal dos códigos artísticos para uma linguagem acessível a um público mais amplo (GOLIN, 2009).

Um discurso crítico contemporâneo, precisa cruzar linguagem verbal e visual. A pesquisadora Cláudia Nina (2007, p. 35), que faz uma conceituada reflexão sobre o tema e nos apresenta uma melhor compreensão sobre o grande desafio da crítica literária praticada na imprensa, afirma:

Antonio Candido foi um dos primeiros a valorizar autores como Clarice Lispector, João Cabral de Melo Neto e Guimarães Rosa, enxergando a preciosidade desses três grandes autores, que, na época, eram quase desconhecidos. Foi um risco, sim, mas um risco calculado e baseado na boa e velha intuição. É com esse espírito que o resenhista deve dizer claramente se gostou ou não do livro, mas sem usar o tom de quem está obrigando o leitor a ler ou proibindo a leitura, como se fosse um juiz todo-poderoso detentor da verdade literária – que não existe, diga-se de passagem – querendo impingi-la ao leitor (NINA, 2007, p. 35).

E, ainda, complementa sobre o papel do crítico:

O crítico tem de estar preparado para compreender o alcance da obra e não destruí-la só porque não está de acordo com seus padrões de expectativa. Analistas muito rigorosos em matéria de teoria, ou muito presos a seus pontos de vista e a um irredutível gosto pessoal, acabam estreitando os horizontes de análise. É preciso que se tenha a liberdade de usar a teoria, se for o caso de uma resenha mais elaborada, como amparo e não como camisa-de-força (NINA, 2007, p. 36).

No entendimento da autora a lição de crítica que jamais pode ser esquecida é: Ninguém é juiz de nada (NINA, 2007). Certamente a crítica literária teve uma grande importância na imprensa e foi promissora de consideráveis mudanças no jornalismo cultural contemporâneo.

O jornalista deve entender e estudar os diferentes gêneros jornalísticos. Segundo José Marques de Melo (1994), em seu livro *A Opinião no Jornalismo Brasileiro*, em relação à questão da classificação dos gêneros no âmbito específico do jornalismo brasileiro, que se agrupam na área da opinião, “a estrutura da mensagem é codeterminada por variáveis controladas pela instituição jornalística e que assumem

duas feições: autoria (quem emite a opinião) e angulagem (perspectiva temporal ou espacial que dá sentido à opinião)”. Partindo dessas premissas, Melo (1994) propõe duas classificações: A) Jornalismo informativo (Nota, Notícia, Reportagem, Entrevista) e B) Jornalismo opinativo (Editorial, Comentário, Artigo, Resenha, Coluna, Crônica, Caricatura, Carta).

Antes de serem analisadas as diferentes classificações de gêneros opinativos, vale ressaltar a importância da mesma para este trabalho. Para que haja a pesquisa em cima das críticas o pesquisador deve, primordialmente, saber diferenciar textos que são críticas ou resenhas, de textos que não possuem caráter opinativo.

A distinção entre a nota, a notícia e a reportagem está exatamente na progressão dos acontecimentos, sua captação pela instituição jornalística e a acessibilidade de que goza o público. A nota corresponde ao relato de acontecimentos que estão em processo de configuração e, por isso, é mais frequente no rádio e na televisão. A notícia é o relato integral de um fato que já eclodiu no organismo social. A reportagem é o relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações que são percebidas pela instituição jornalística. Por sua vez, a entrevista é um relato que privilegia um ou mais protagonistas do acontecer, possibilitando-lhes contato direto com a coletividade (MELO, 1994).

No caso dos gêneros opinativos, deparamo-nos com alguns que se estruturam semelhantemente enquanto narração dos valores contidos nos acontecimentos, mas assumem identidades diversas a partir da autoria/angulagem (MELO, 1994).

De acordo com Melo (1994), o comentário, o artigo e a resenha pressupõem autoria definida e explicitada, pois esse é o indicador que orienta a sintonização do receptor; já o editorial não tem autoria, divulgando-se como espaço da opinião institucional (ou seja, a autoria corresponde à instituição jornalística).

Em relação à coluna, crônica, caricatura e carta um traço comum é a identificação da autoria. Já as angulagens são distintas. A coluna e a caricatura emitem opiniões temporalmente contínuas, sincronizadas com o emergir e o repercutir dos acontecimentos (MELO, 1994).

A crônica e a carta estruturam-se de modo temporalmente mais defasado. Vinculam-se diretamente aos fatos que estão acontecendo, mas seguem o seu rastro, ou melhor, não coincidem com o seu momento eclósivo (MELO, 1994).

A carta distancia-se totalmente, reproduzindo o ângulo de observação que

resgata a outro lado do fluxo jornalístico: o do receptor, o da coletividade. A crônica e a coluna incorporam ou fazem a mediação com a ótica da comunidade ou dos grupos sociais a que a instituição jornalística se dirige (MELO, 1994).

O gênero jornalístico que se convencionou chamar de resenha corresponde a uma apreciação das obras de arte ou dos produtos culturais, com a finalidade de orientar a ação dos fruidores ou consumidores. Na verdade, o termo resenha ainda não se generalizou no Brasil, persistindo o emprego das palavras crítica para significar as unidades jornalísticas que cumprem aquela função e crítico para designar quem as elabora (MELO, 1994).

A crítica (gênero literário) destina-se a estudiosos; a resenha (gênero jornalístico) dirige-se ao “consumo popular”. A resenha configura-se, então, em um gênero destinado a orientar o público na escolha dos produtos culturais em circulação no mercado (COUTINHO, 1975).

Entendendo as funções da crítica é preciso que haja uma relação entre elas e os críticos que as fazem. Por essa perspectiva, Melo (1994, p. 133) afirma que:

Os críticos são pessoas medianas, que nem se caracterizam como ignorantes da área analisada, nem tampouco vivem numa torre de marfim, desconhecendo a sensibilidade do público e procurando entender as produções apreciadas num contexto mais amplo. São jornalistas que procuram explicar, esclarecer, orientar o público no contato com as produções de um segmento da indústria cultural.

De acordo Melo (1994), a resenha como gênero jornalístico tem crescido nos meios de comunicação coletiva no Brasil, reflexo da expansão cultural da época, anos de 1990.

Pesquisa

Para alcançar o objetivo geral de identificar a presença de opinião da editoria especializada em cultura do jornal Gazeta do Povo, tornou-se necessário realizar esses dois tipos de pesquisa: qualitativa e quantitativa. A pesquisa quantitativa serve para mensurar o número de opiniões e a pesquisa qualitativa para analisar como e por quem são feitas.

A primeira etapa foi a pesquisa quantitativa, quando foram analisados exemplares do jornal paranaense Gazeta do Povo, durante um período de tempo. Essa

pesquisa foi dividida em três anos: agosto/2013, julho/2014 e abril/2015. Nessa etapa foi possível determinar a quantidade de matérias opinativas e noticiosas do caderno de cultura do jornal Gazeta do Povo.

Toma-se como ponto de partida para a pesquisa o acompanhamento do jornal Gazeta do Povo, sobretudo o “Caderno G”, que trata da agenda cultural de Curitiba, além de matérias factuais sobre cultura em geral e artigos também sobre o assunto.

O Caderno G apresenta um formato que permite edições especiais de ocorrência permanente e fixa, como é o caso do G Ideias, que ocorre sempre na edição de sábado. O objetivo é discutir de maneira mais ampla e profunda algum tema possível de ser abordado pelo jornalismo cultural, sem necessariamente estar no campo das artes, como filosofia, comportamento, moda ou mesmo artes plásticas, teatro, dança, entre outras.

A pesquisa foi desenvolvida com o passar de três anos, contudo utilizando-se um critério semelhante em todos os períodos.

A principal etapa da pesquisa foi dividi-la em três áreas (Quadro 1):

Áreas	Temas
Temas	Cinema, literatura, música, teatro, artes visuais, televisão, dança, séries e fotografia;
Caráter	Notícia e opinião;
Quantidade	Número de matérias em cada uma das categorias anteriores.

Quadro 1 – Áreas selecionadas

Depois de feita a pesquisa, os resultados foram computados, o que serviu de base para a etapa qualitativa. Com os resultados em mãos foi desenvolvida a segunda pesquisa, dessa vez de caráter qualitativo, com o objetivo de se obter uma confirmação mais expressiva dos dados obtidos primeiramente. Os entrevistados para a pesquisa qualitativa foram os jornalistas da Gazeta do Povo, Helena Carnieri e Cristiano Castilho. Ambos trabalhavam no jornal quando a pesquisa foi realizada.

No Caderno G, estão envolvidos atualmente (maio/2015) 10 pessoas (oito jornalistas, entre editores e repórteres; uma estagiária e um diagramador). Todos os

jornalistas, em menor ou maior grau, são críticos. Escrevem textos de opinião sobre produtos culturais.

Resultados

No ano de 2013, o mês pesquisado foi agosto. É importante ressaltar que a escolha pelos meses de análise não foi completamente aleatória, favorecendo meses que não tenham eventos de grande porte na área de cultura.

Em agosto de 2013, a seção de opinião do caderno de cultura da Gazeta do Povo teve: 8 matérias de cinema, 5 de literatura, 5 de música, 3 de teatro, 0 de artes visuais, 0 de televisão, 0 de dança, 0 de séries e 0 de fotografia.

Já na seção de notícias foram localizadas: 12 matérias de cinema, 8 de literatura, 17 de música, 12 de teatro, 5 de artes visuais, 13 de televisão, 3 de dança, 2 de séries e 6 de fotografia.

Pode-se então afirmar que temas mais populares ao gosto dos consumidores como o cinema e a música são também os tópicos mais comumente tratados tanto em notícias como em artigos. Conclui-se, então, que no mês de agosto de 2013, os textos de opinião tiveram número menor do que as notícias e não cobriram todos os tipos de eventos que estavam acontecendo ou todos os temas que foram explorados pelas notícias, como a dança e a fotografia.

No ano de 2014, o mês escolhido foi julho. Nesse período a seção de opinião do caderno de cultura da Gazeta do Povo teve: 16 matérias de cinema, 17 de literatura, 15 de música, uma de teatro, uma de televisão, uma de séries e nenhuma matéria sobre artes visuais, dança e fotografia.

A seção de notícias, por outro lado, teve no mesmo período: 31 matérias de cinema, 23 de literatura, 30 de música, 17 de teatro, 16 de artes visuais, 32 de televisão, oito de dança, duas de séries e duas de fotografia.

No mês de julho de 2014, a quantidade de artigos aumentou em relação ao período analisado em 2013, porém, cresceu nos mesmos temas “populares”. Música, Literatura e Cinema continuam sendo os temas com maior número tanto de notícias como de críticas. Em relação aos outros temas, que, em agosto de 2013, não foram abordados, no mês de julho de 2014 foram mencionados, porém sem qualquer representatividade, com um artigo de teatro em 17 notícias sobre o mesmo tópico.

Pode-se afirmar que no mês de julho de 2014 o diferencial para o ano anterior foi o aumento do número de artigos sobre temas populares, já em temas “secundários” os resultados ainda são irrisórios.

Finalizando a pesquisa, o último ano analisado foi 2015, no qual o mês escolhido foi abril. Nesse mês seção de críticas culturais no jornal Gazeta do Povo teve: 14 matérias de cinema, 15 de literatura, 10 de música, oito de teatro, quatro de artes visuais, três de televisão, um de dança, um de séries e um de fotografia.

Já a seção de notícias teve no mesmo período: 17 matérias de cinema, 23 de literatura, 28 de música, 15 de teatro, nove de artes visuais, 10 de televisão, um de dança, quatro de séries e duas de fotografia. Dentre os meses pesquisados, abril de 2015 foi o que teve o número mais positivo de artigos. Contudo, ainda não suficiente para alcançar em número de notícias.

A fim de tirar conclusões mais concretas e objetivas sobre a crítica cultural no jornal Gazeta do Povo ao longo dos três anos de análise, o gráfico comparativo entre 2013, 2014 e 2015 é de suma importância. Separados em dois gráficos (opinião e notícia) é possível ter uma visão do que aconteceu durante os anos na editoria de cultura do jornal Gazeta do Povo.

No gráfico 1, estão representados os dados referentes aos três períodos estudados.

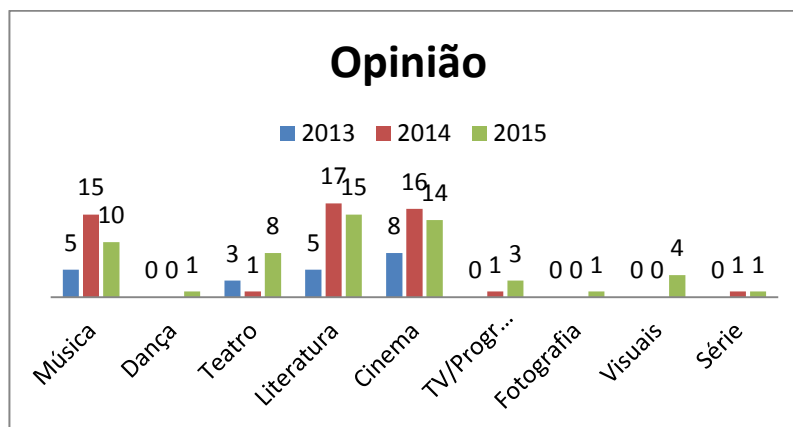


Gráfico 1 - Apresentação da série opinião nos três períodos estudados

O gráfico 2 representa a comparação na série notícias, nos meses estudados nos anos de 2013, 2014 e 2015.

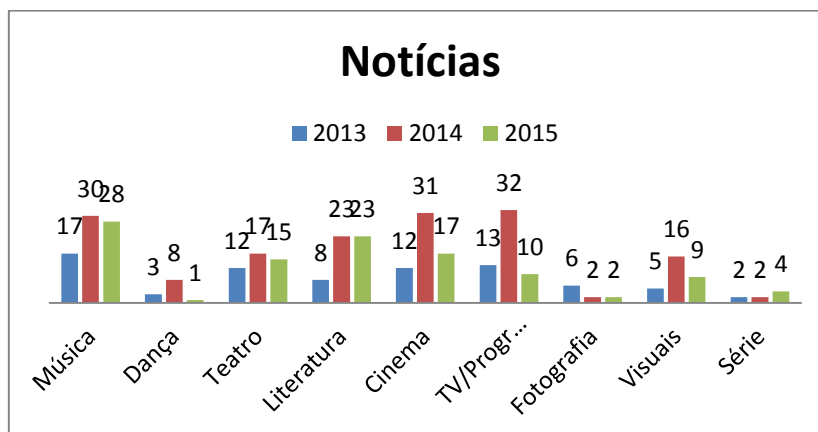


Gráfico 11 - Apresentação da série notícia nos três períodos estudados

O último gráfico apresentado é o do total. A necessidade de inserir esse gráfico veio a partir da falta de um número mais geral que abrangesse todos os anos coletados na pesquisa, junto com todas as matérias tanto de opinião como de notícia coletadas.

O gráfico 3 resume as informações sobre opinião e notícia, referentes aos anos de 2013, 2014 e 2015, que foram objetos deste estudo.

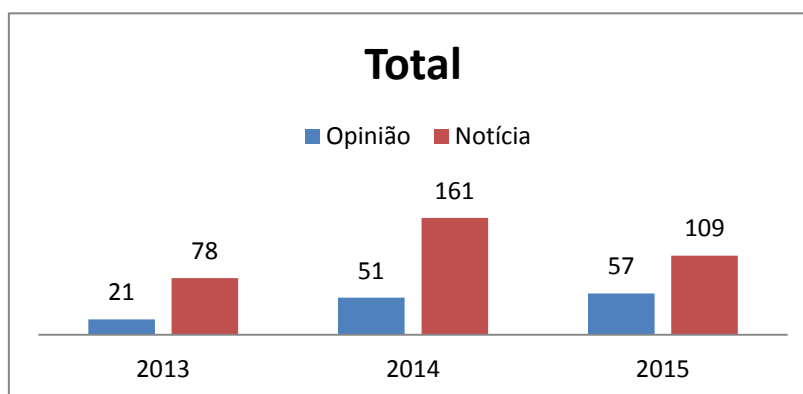


Gráfico 3 - Totalização das séries estudadas

A partir da análise dos dados apresentados anteriormente, pode-se concluir que, com o passar dos anos ocorreram muitas mudanças dentro das redações de cultura. Dentre as principais diferenças, visíveis nos gráficos acima, a quantidade de artigos em 2015 foi maior do que nos anos anteriores. Isso porque no ano de 2015, os críticos aproveitaram melhor todos os temas, não deixando nenhum tema de lado.

Pode-se dizer, então, que as redações culturais foram se especializando em temas diferentes, que, anteriormente, não eram populares como as áreas visuais e as séries.

Construindo, com o leitor, uma familiaridade com tópicos que eram tão distantes das realidades.

As respostas da entrevista foram divididas em tópicos para facilitar a visualização.

Entrevistas

De acordo com Cristiano Castilho, notícia para o jornalismo de forma geral é aquela informação que tem um potencial de valor público, merece ser democratizada, compreendida e analisada. “Como a editoria é mais flexível no que tange ao factual (uma resenha de filme é pautada numa efeméride, na maioria das vezes, mas uma reportagem sobre a Rua São Francisco às vezes não), às vezes somos entendidos como “menos importantes”, “mais frágeis” em termos noticiosos. Talvez por isso os cadernos de cultura tenham nomes como “2” ou “B””, afirma.

Para Helena Carnieri, notícia é a agenda local de atrações culturais, grupos artísticos locais que se destaquem dentro ou fora do estado, eventos que interessem ao leitor do jornal Gazeta do Povo.

Castilho conta que para a notícia entrar no jornal os editores baseiam-se em agenda (eventos culturais que irão acontecer na cidade), “faro jornalístico” (perfis de pessoas ligadas à área) e divulgação de notícias de caráter público (editais, obras em espaços culturais, etc.). “O caderno de cultura permite matérias mais frias também. É por isso que você encontra, às vezes, textos sobre algo que já aconteceu algum tempo, ensaios ou excertos sobre tendências culturais”, explica.

“A boa crítica aponta caminhos, nos situa no mundo e ajuda a formar repertório. E isso é muito importante neste momento meio louco em que listas feitas em 5 minutos são sucesso de audiência, em que perdemos algumas referências culturais”, diz Castilho. Para ele, a crítica é importante também para o moínho da cultura, já que fornece elementos para que produtos culturais “aconteçam” para um público maior.

Já para Helena, as artes são uma forma de se repensar a vida e permitem que as pessoas mudem a forma de enxergar-se por meio da imaginação ampliada. “Por isso não podemos deixar que sejam relegadas a algo supérfluo. O jornalismo deve dar o melhor espaço possível à cobertura cultural. Em relação à crítica, é uma forma de mostrarmos ao leitor o que existe de bom na cidade”, comenta.

Para Helena, a crítica ideal é aquela que possui “muito espaço para publicação, muito tempo para acompanhar tudo que acontece na cidade, ótimos salários, e leitores com tempo para ler/assistir tudo isso. Bem idealizado!”. Helena concorda que os jornais não têm tanto espaço para a crítica cultural. Para ele, ideal seria o artigo munido de repertório, análise, texto impecável, surpreendente e bom *timing*. “Para isso, precisamos de espaço. E não há mais tanto espaço assim no jornal impresso, que vive seu canto do cisne. Por isso há bons projetos que utilizam recursos virtuais como vídeos, infográficos e áudio. Nada substitui o bom texto, entretanto”, conclui.

“Talvez dois elementos definam temas serem mais ou menos abordados: a falta de interesse na área (uma matéria “comum” sobre artes visuais, por exemplo, não tem um bom índice de audiência); e a falta de capacidade na área”, elucida Castilho. Para o editor, jornalistas que cobrem arquitetura, artes plásticas, paisagismo, por exemplo, são raros.

Quando questionados se existem eventos culturais em Curitiba suficientes para a prática de crítica cultural nos jornais, os dois jornalistas entrevistados afirmam que acontecem eventos todos os finais de semana na área cultural. Para Castilho “Essa história de que Curitiba é provinciana está mais no discurso do que na prática. Em quase todos os fins de semana (e não só), há eventos em diversas áreas. Nunca falta assunto, talvez falte tempo”.

Helena corrobora com a opinião do editor dizendo que tem muitos eventos acontecendo. “Mas esse crítico não pode só fazer isso, claro, precisa integrar uma equipe e, entre suas atividades, incluir a crítica. Mas quanto mais gente especializada, mais qualidade no trabalho – se aliado a um texto claro e voltado para o leitor leigo, ou seja, sem muito jargão”, explica.

Considerações Finais

A partir das pesquisas feitas foi possível identificar a presença de opinião no caderno cultural do jornal paranaense Gazeta do Povo entre os períodos de agosto de 2013, julho de 2014 e abril de 2015. Porém, com as pesquisas qualitativas e quantitativas produzidas exclusivamente para o trabalho em questão, pôde-se, também, chegar a diversas outras conclusões sobre esse mesmo tema.

As pesquisas foram ao mesmo tempo abrangentes e objetivas. Abrangentes porque o período de coleta foi de três diferentes anos, nos quais o jornal Gazeta do Povo passava por momentos também diferentes. Muitas mudanças aconteceram dentro da redação de cultura do jornal, o que pode ser visto através das pesquisas.

Mas também são objetivas, pois procuram em cada detalhe da notícia um caráter opinativo. A bibliografia serviu como base para identificar esse gênero jornalístico e sem ela seria impossível realizar a análise de maneira adequada.

Já as entrevistas tiveram um papel tão importante quanto das análises: o de verificar ou denunciar algum dado coletado durante a pesquisa quantitativa. Foi através das entrevistas com a jornalista Helena Carnieri e com o editor Cristiano Castilho, ambos do jornal Gazeta do Povo, que foi possível ter a confirmação do que os resultados dos gráficos já apontavam.

Não existe uma diminuição na produção de opinião cultural; os eventos culturais em Curitiba são suficientes para que o caderno de cultura fosse recheado de opinião; os jornalistas estão cada vez mais capacitados. O que falta é espaço.

Com a tecnologia, o jornal impresso vai se diluindo e a internet ganhando força. Blogs expressam suas opiniões sobre todos os assuntos possíveis e imagináveis, inclusive, e principalmente, sobre cultura. Especialistas, ou não, naquilo que estão tratando, os “anônimos” colocam suas verdades e inverdades para quem quiser ler. E o problema está aí, grande parte dos leitores do jornal Gazeta do Povo está migrando para o digital, ou seja, todos querem ler aquilo que está mais perto dos olhos.

Finalizando, resta concluir que os textos opinativos sobre cultura ainda existem, por mais que ainda seja sobre assuntos “populares” como música e cinema, porém, hoje em dia, ela expandiu para outros meios de comunicação como blogs, vlogs, redes sociais, entre outros. A opinião pode ter mudado de habitat, mas continua presente no jornalismo cultural.

Referências

ARNHEIM, Rudolf. **Arte e percepção visual**. São Paulo: EDUSP e Pioneira, 1904.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

COLI, Jorge. **O que é arte**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1981.

COUTINHO, Afrânio. **Da crítica e da nova crítica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

FARO, J. S. (2006) **Nem tudo que reluz é ouro: contribuição para uma reflexão teórica sobre o jornalismo cultural**. Disponível em: <<http://www.jsfaro.pro.br/>>. Acesso em: 27 abr. 2014.

GOLIN, Cida. **Jornalismo cultural: reflexão e prática**. In: AZZOLINO, Adriana Pessatte (org.). Sete propostas para o jornalismo cultural: reflexões e experiências. São Paulo: Miró Editorial, 2009.

KLINTOWITZ, Jacob. **A crítica da arte, o espaço público e uma visão do país**. Jornal UNESP. São Paulo, Ano XXI, nº 227, Out. 2007. Disponível em: <<http://www.unesp.br/aci/jornal/227/supled.php>>. Acesso em: 04 maio 2013

LIMA, Marcelo. **Jornalismo cultural e crítica: a literatura brasileira no suplemento mais!** São Paulo: ARGOS, 2014.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1994.

NINA, Claudia. **Literatura nos jornais: A crítica literária dos rodapés às resenhas**. São Paulo: Summus, 2007.

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural**. Coleção Comunicação. São Paulo: Contexto, 2003.